

A luta de Grispún para evitar a moratória

O ministro argentino da Economia, Bernardo Grispún, que se entrevistou ontem com o secretário norte-americano do Tesouro, Donald Regan, e o diretor executivo do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, afirmou em Washington que "se terá de esperar até sexta-feira à tarde" para saber se a Argentina pagará aos bancos credores antes da data-limite de 30 de junho os US\$ 480 milhões em juros vencidos, evitando assim que seus empréstimos sejam declarados em mora.

Após uma reunião de uma hora e meia com Regan, Grispún disse que se haviam reduzido as diferenças com o Fundo Monetário Internacional e que supunha que haveria um acordo com os bancos antes do dia 30.

Regan, que acompanhou Grispún até a porta para fazer uma breve declaração à imprensa (foto), disse que um acordo entre Buenos Aires e os bancos "é algo que a Argentina deve decidir" e não os Estados Unidos.

Interrogado sobre se o seu governo poderia renegociar sua dívida externa com os bancos sem um acordo com o FMI, Grispún afirmou:

— Nós esperamos chegar a um acordo com o FMI. Para isso enviamos a carta de intenção.

A respeito de quanto próximo ou distante estaria esse acordo, respondeu:

— É difícil dizer, eu não conheço a opinião do FMI. Até onde eu vejo o problema, creio que temos reduzido as diferenças.



Sustentou igualmente que as negociações com os bancos para o pagamento dos juros atrasados "vão bem". Porém, interrogado diretamente sobre se haverá ou não um acordo, respondeu:

— Eu suponho que sim. Esperemos, faltam três dias ainda.

A última pergunta, sobre se a Argentina pagará antes da data-limite, replicou:

— Por que não espera até sexta-feira, e eu lhe respondo sexta à tarde?

Nos meios bancários norte-americanos, contudo, não transpareceu nenhuma nota de otimismo sobre a evolução das conversações. Vários bancos se preparam para seguir o exemplo do Manufactures Hanover

Trust, que se manifestou disposto a declarar em mora seus empréstimos à Argentina e absorver uma forte redução de lucros.

Segundo nosso correspondente em Buenos Aires, Hugo Martínez, Grispún recebeu ordem presidencial no sentido de "não modificar a carta de intenção enviada ao Fundo Monetário Internacional". Como se recorda, a carta incluía uma perigosa inovação para o Fundo: chegar sem a aprovação prévia de seus funcionários na Argentina e, além disso, limitava a ingerência do organismo internacional no manejo da economia.

Assim, a dureza da estratégia argentina levaria a caminhos sem retorno ao governo e ao Fundo, com só duas soluções possíveis: a aceitação inicial, formal, da carta argentina; ou sua recusa. A primeira alternativa é, para o FMI, uma desautorização a seus funcionários, e uma limitação à sua metodologia tradicional. A segunda, um risco certo de cessação de pagamentos por parte da Argentina.

Grispún solicitou audiência ao secretário-geral da Organização dos Estados Americanos, embaixador João Baena Soares, para expor-lhe a situação. A intenção do ministro é mobilizar a OEA e, ao mesmo tempo, influir indiretamente sobre o Brasil. Altos funcionários desse organismo pan-americano confiaram ao Jornal da Tarde e a O Estado que Baena Soares está pessoalmente interessado em incorporar sua instituição à dinâmica das negociações da dívida externa latino-americana.